ANO 2.º LISBOA--QUINTA-FEIRA, 4 DE JANEIRO DE 1923 N.º 536

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e officinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

O novo director do *Seculo*, sr. Cunha Leal, ofereceu hoje, no *restaurant* Tavares, um almoço ao pessoal da redacção e representantes das outras secções do jornal dependentes da direcção. Presidiu grande entusiasmo, trocando-se afectuosos brindes em que se salientou a alta competencia moral e intelectual com que Cunha Leal orienta a sua acção jornalistica. Entre outros, falaram, os srs. Cunha Leal, Pinto Quartim, dr. José Montês, Eduardo Garcia, Avelino de Almeida, José Parreira, dr. Videira, Acacio de Paiva, Mario do Rosario, dr. Antonio Videira e Frojaz de Sampaio.

* * *

UM casal madrileno ontem chegado a Lisboa teve o prazer de ouvir o fado por um guitarrista de nome e por uma bela garganta, num «restaurant» do Chiado. No fim do jantar um português ofereceu-lhes alguns calices de vinho velho do Porto. E, para remate, á saida, como fosse a passar a manifestação liberal, levaram duas pranchadas de um policia que os confundiu com os manifestantes.

Chama-se a isto andar com sorte — chegar a Lisboa e nesse mesmo dia poder apreciar três coisas caracteristicamente portuguesas...

* * *

A PRIMEIRA grande novidade literaria do começo do ano é o aparecimento nas livrarias do novo romance de Antonio Eça de Queiroz, intitulado *Caim*, em dois volumes de numerosissimas paginas. Vamos lê-lo com todo o cuidado, para depois o podermos apresentar aos nossos leitores, na plena independencia da nossa apreciação.

* * *

POR um deploravel erro de revisão, o formoso conto — *Marmores Humanos* que publicámos, na terça-feira passada, trazia a assinatura de Antonio S. Morano, quando devia ser Augusto Navarro, colaborador muito apreciado do *Diario de Lisboa*.

* * *

ENVIARAM-NOS os seus cumprimentos de boas festas os srs. dr. Trindade Coelho, actor Joaquim Prata, José Guerreiro Monteiro, de Sines, e Alfredo Martins Monteiro, correspondente do nosso jornal em Sintra. Agradecemos e retribuimos.

* * *

RECEBEMOS o catalogo da biblioteca que pertenceu ao falecido conselheiro dr. Jaime Moniz, organizado pelo sr. Augusto Sá da Costa, cujo leilão começa no dia 8 do corrente, no palacio Azambuja, largo do Calhariz.

* * *

CONTINUAM com o mesmo brilho as festas que professores e alunos da escola industrial Machado de Castro dedicam a Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Devem terminar ámanhã.

* * *

O sr. dr. Artur Leitão e sua esposa encontram-se em vias de restabelecimento, devendo regressar brevemente a Lisboa. O *Diario de Lisboa* apresenta-lhes as suas felicitações.

* * *

COM sua esposa, regressou a Lisboa o nosso amigo e secretario da redacção do *Diario de Lisboa*, Alvaro de Andrade.

UM CASO INTERESSANTE

Consta-nos que se têm feito altas diligencias, para que o sr. dr. Leonardo Coimbra não abandone o P. R. P. de que ele tem sido um dos elementos intelectuais de maior brilho.

Ignoramos se ele acederá a tais rogos, nem nos importa desvendar a hora e o momento em que dirá sim ou não.

O que assume grande importancia para todos nós que nos interessamos pela livre discussão das ideias, pela convivencia de todos os espiritos que buscam a verdade, mas sem odios nem paixões contra os seus adversarios, é o facto de haver dentro do P. R. P. quem, pelo facto de ele querer conceder um minimo de liberdade á consciencia religiosa do país, lhe negue os seus meritos de escritor e a sua caracteristica de republicano.

Esta atitude que já vimos defender, com o pretexto de que a Republica é a organização politica e social do ateismo, coloca realmente o sr. dr. Leonardo Coimbra numa situação penosa, perante o seu pensamento.

Todos nós compreendemos muito bem que alguns correligionarios seus não concordem com a sua maneira de restituir ao ensino particular o desafogo de que necessita, para que os pais que sejam catolicos não duvidem em confiar-lhe a educação de seus filhos.

O nosso desentendimento começa, porém, a manifestar-se na guerra que lhe movem, diminuindo o seu valor, apresentando-o como menos fiel aos principios basilares do regime.

Então, de que especie de direitos gosa uma inteligencia que, pelo estudo e pela reflexão, busca afirmar-se como um instrumento de trabalho redentor?

E' incontestavel que o sr. dr. Leonardo Coimbra está nesta ocasião mais proximo das aspirações nacionais que nenhum daqueles que tentam leiloa-lo como um insignificante.

Os portugueses, que vivem fóra de partidarismos estreitos e de seitas ferozes, dão-lhe o seu apoio.

Como ha de ele sair-se do passo embaraçoso em que se encontra?

Seja qual for o caminho que escolha, pela nossa parte só desejamos que ele não comprometa o seu nome intelectual, porque a sua obra tem de viver da liberdade e da dignidade do seu nome.

Dentro do P. R. P. ha pessoas de valimento que o apoiam...

Terão elas a força bastante para lhe garantirem a propaganda e o respeito das suas ideias?

D. JOAQUIN CHAPAPRIETA

O ilustre Ministro do Trabalho da nação visinha que ha dias concedeu ao nosso brilhante colaborador Joaquim Leitão uma interessante entrevista.

A situação financeira do país deve, dentro de pouco, tornar-se completamente clara, porquanto se diz que o titular das Finanças vai na abertura do Parlamento apresentar a verdadeira situação das contas, como consequencia das suas propostas, de que ha muito se fala.

Diz-se ser sua intenção avolumar as garantias metalicas da nossa reserva monetaria, aumentando as já existentes, atravez de combinações de aproveitamento do saldo positivo de exportações. Só tem que louvar-se tal intenção, porque será de todos o principal factor de saneamento da nossa moeda.

* * *

DO nosso correspondente em Berlim recebemos o seguinte telegrama:

BERLIM, 3.

Tem estado gravemente doente madame Veiga Simões, esposa do sr. dr. Veiga Simões, que tem sido tratada pelo professor Dorenberg, reputado especialista alemão.—(C.)

O *Diario de Lisboa* faz votos pelas melhoras da ilustre senhora, sentindo muito as horas de inquietação que tem vivido o sr. dr. Veiga Simões, ministro de Portugal em Berlim.

* * *

DE Fevereiro a Dezembro de 1922, dos cofres do governo civil sairam quantias no valor de 225.079$73, para esmolas aos muitos necessitados de Lisboa e 59.200$00 distribuidos pelas casas de beneficencia. E' uma obra da maior benemerencia esta em que se tem empenhado o governador civil sr. Viriato Lobo que, em vez de se limitar ao desempenho das suas funções administrativas, decidiu alargá-las pelos dominios do Bem. Tanto ele como os seus cooperadores só merecem elogios.

* * *

ALBERTO MERA publicou um conto de Natal—*A rapariga das ruas*, prefaciado pelo sr. Arcebispo de Mytilene. O produto da venda reverte a favor da instituição *Florinhas da Rua*. A sua leitura tem um ligeiro perfume de suavidade mistica que não pode deixar de seduzir as almas cristãs. Trás uma ilustração a côres de Maria Adelaide de Lima Cruz e *ex-libris* de Leal da Camara. A edição é muito elegante.

* * *

PUBLICAMOS na nossa terceira página um excerpto do magnifico livro de contos para crianças, agora publicados pela nossa colaboradora D. Maria Sofia de Santo Thyrso.

* * *

NO dia 6 do corrente, abre na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma exposição de escultura e pintura dos srs. Leopoldo de Almeida, Carlos Bonvalet, Adriano Costa, Joaquim Costa, Albertino Guimarães, Alberto Lacerda e Fernando Santos.

* * *

O SR. ministro da Guerra foi hoje a casa do chefe do governo, com quem teve larga conferencia.

No regresso ao ministerio, o coronel sr. Freiria recebeu o seu colega dos Estrangeiros e o sr. dr. Alvaro de Castro.

* * *

CONTITUE um verdadeiro sucesso a exposição Helena Gameiro, que abriu hoje no atelier da rua D. Pedro V.

Festas de arte

Um trio de amadores

Mal pensam os que julgam que entre nós se perdeu o culto da arte, que já amadores não existem e que o salão se transformou, tambem, em local de mero agrupamento. Conhecemos alguns factos a provarem que, felizmente, para o que se chama «ar de vida nacional», ainda ha amor pela arte, gosto e enlevamento do espirito. Está nesse caso o trio Mendonça-Cordovil. E' a virtuosidade plena. Classificamo-los de amadores tão sómente por não terem de exercer uma industria. Pelo estudo, perseverante e inteligente, pela cultura e pelas provas que dão do seu valor, os bons artistas, gostosamente, com eles se confraternisariam. A sr.ª D. Julia de Mendonça é uma distinta pianista pela tecnica e pelo sentimento; o sr. José Cordovil faz do violino um magico de deleite e Rui Cordovil tem uma arcada e um violoncelo magnificos. Passam horas da semana, que outros consagram a inutilidades, no estudo. Aos domingos deliciam os que têm a honra de ser das suas relações. O ultimo concerto—como os anteriores, sempre fino e de arte—teve o seguinte programa:

«Tutti maschera», Pechotti; «Momento musical», Schubert; «Manon», selecção da opera, Massenet; Alegreto da VII sinfonia, Beethoven. Segunda parte: «Copelia», bailados, Delibes; «Rose mousse», valsa, Bosc; «Danças hungaras», Brahms; «Marcha nupcial», Mendelsson.

E isto não precisa de ser fraseado: diz tudo para a elogiosa apreciação e pena dos que não se podem deliciar nos agradaveis e e artisticos momentos proporcionados.

Como o sr. Rui Cordovil tambem dedilha a lira com veia poetica, três minutos antes do ano acabar, veiu «á presença para apenas conversar», saudando o «novo» e a assistencia com dez quintilhas, inspiradas, graciosas, amaveis.

Uma taça de «champagne» sublinhou em seguida o requinte da noite em casa do sr. Ernesto de Mendonça, cujas honras, prestadas por suas ex.mas irmãs, completaram a amabilidade.

Estes registos teem de passar dos ecos da sociedade para as rubricas de arte, por assim o impôr o seu verdadeiro merito e, tambem, para incitamento nas inesteticas e desinteressadas horas que passam.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

IODONAL
NÃO COMEM, DEVORAM!
TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS
Superior ao óleo de bacalhau e emulsões
INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO, CORDEIRO FERREIRA, ETC.
FARMÁCIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

A MORAL DEPOIS DA GUERRA

A sociologia e as finanças

A diplomacia deturpa a vida das nacionalidades

A civilização atingiu o mais elevado grau da decadencia, por afrontar o direito e a justiça que constituem as bases das nacionalidades.

Os povos primitivos, para se defenderem das feras, a pouco e pouco associaram-se e assim se desenvolveram. Da sociabilidade resultaram as comodidades estreitamente ligadas pela permuta, produto por produto, modificada, consoante as exigencias das transações até ao representativo da moeda.

Assim se analisa que a sociologia, as finanças e a economia não podem funcionar isoladamente e tiveram como principal factor a moeda que deu margem ao desenvolvimento das relações comerciais tão importantes na civilização.

Satisfeitas as necessidades apareceram os elementos de desordem nas colectividades, o egoismo e a ambição, provocando as lutas pelos *interesses* que atravez dos tempos chegaram aos nossos dias com a agravante do auxilio scientifico, para maior flagelo da humanidade. Esses defeitos não foram devidamente corrigidos, mas reprimidos com violencias que provocaram outras violencias.

Como sequencia registam-se os maiores horrores da civilisação que ofereceu ao universo a conflagração e o armisticio: a conflagração pela selvageria jámais observada e o armisticio, ainda peior, pelas assembleias diplomaticas, que têm determinado humilhações até á morte civilisada.

Os erros provocaram novos erros, e a civilisação encontra-se eivada de deteitos antepassados por não ter sabido dar o castigo de forma a reabilitar. Assim se tem exercido o moto-continuo da imperfeição, e a paz desejada será a guerra sem treguas.

Reportando-me aos povos primitivos e á organização das nacionalidades, concluo que a civilização abraça os efeitos retrogrados a que se afasta desordenadamente dos povos, oferecendo-lhe os horrores da fome.

Dentro deste contrasenso ainda se pode exigir a obrigatoriedade se se tiram os elementos para efectivar o compromisso, criando-se as maximas dificuldades no desenvolvimento das riquezas?

Havendo a convenção pela qual se regem os povos, porque não se respeita a diferencial economica e financeira de cada Estado, atribuindo-se a verdadeira *divisa cambial* de maneira a evitar o *crime internacional* de que o nosso País é uma das vitimas?

A politica alterou por completo a normalidade dos povos e o mundo assiste á hecatombe preparada pela diplomaçia que deturpa absolutamente a vida das nacionalidades, com leis determinativas que não podem ser modificadas pelos *interesses* de Estados

Antonio d'Oliveira

AO SOM DO «GONG»

Os combates de hoje no Coliseu

Hoje pelas 21,30 horas, disputam-se no Coliseu — pela vez primeira em Portugal dois titulos pugilisticos: o de campeão de «meio-medios» e o de campeão de «leves».

Faustino Pereira e Silva Ruivo, actuais detentores dos titulos, terão que os defender com alma, da ambição sportiva de Tavares Crespo e de Manuel Guita.

Antes destes dois emotivos «matches», Paulo de Morais e Carlos das Neves, bater-se-hão para derimir um repto tornado publico pelos jornais.

Os combates profissionais efectuam-se em 10 «ronds» de 3 minutos, com luvas de 4 onças. O de amadores será em 4 «ronds» de 2 minutos, com luvas de 6 onças.

A ordem dos combates é como segue:

Paulo Morais contra Carlos Neves
Faustino Pereira contra Manuel Guita
Silva Ruivo contra Tavares Crespo

A entrada para a geral é feita pela rampa, sendo a entrada principal reservada para os restantes logares.

AVENIDA PALACE CLUB
(PALACIO MAYER)
Previnem-se os Ex.mos Sócios que por motivo de fôrça maior fica transferido para sábado 6 a inauguração deste Club.
Lisboa, 4 de Janeiro de 1923
A DIRECÇÃO

"VASPAEL"
GRANDE LICOR DE SOBREMEZA
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

FAZENDAS DE LÃ PARA TODOS
POBRES
REMEDIADOS
RICOS
Todos devem preferir as casemiras dos DONAS da Covilhã porque são as melhores, as mais bonitas e os mais baratas. Só os fabricantes DONAS vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lã para fatos e vestidos, em todas as côres e em todos os padrões, por preços baratissimos ao alcance de todas as bolsas.
Depositos de vendas a retalho:
Em LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º
No PORTO — Rua Fernandes Tomaz, 392-A

Telefone C. 3033
SOUZA, MOURA & C.ª, L.da
End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa do Ameal (D. Maria Amelia), D. Francisca Maria Ana Cardoso de Menezes) Margaride), D. Maria Antonia de Melo Manuel Bordalo Pinheiro e D. Maria Henriqueta de Melo Sampayo (Pombeiro).

E os srs.:

Dr. José Maria de Casal Ribeiro de Carvalho, dr. Jorge Falcão, Luiz Rebelo da Silva, Augusto Francisco Xavier de Mendonça de Siqueira, Simão Valdez Trigueiros Martel, Artur Pinheiro de Aragão, Antonio Teodoro da Ponte e Horta Gevaxxo da Nobrega de Lima, Francisco Maria Amor Cardoso e Silva, Augusto Guilherme Cardoso Pinto de Queiroz e Jorge Kluft Lopes da Silva.

Casamentos

Na paroquial igreja da Sé realizou-se ha dias o casamento da senhora D. Jeanne da Conceição Ultra Machado Godefroy, filha da sr.ª D. Ofelia Ultra Machado Godefroy e do sr. Pedro Godefroy, já falecido, com o sr. A. Celestino Soares Moreira Rato, tendo servido de padrinhos, da noiva, sua irmã, a sr.ª D. Ernestina Ultra Machado Godefroy e seu primo o sr. Henrique José Monteiro de Mendonça e do noivo, seus pais, a sr.ª D. Maria Moreira Rato e o sr. Augusto Moreira Rato.

Findo o acto religioso foi servido em casa dos pais da noiva um finissimo «lunch», o qual decorreu muito animado.

Na «corbeille» figuravam artisticas e ricas prendas.

Em S. Carlos

Causou a mais viva impressão entre as pessoas da nossa primeira sociedade as noticias publicadas sobre o elenco e repertorio da companhia de opera para a quarta epoca lirica que se inaugura no proximo sabado, em primeira recita de assinatura ordinaria com a «Carmen», seguindo-se no domingo, em 2.ª recita ordinaria, o «Barbeiro de Sevilha».

Para se poder avaliar o entusiasmo que reina, podemos dar hoje uma pequena nota das pessoas que teem assinatura em camarotes:

D. Zulmira Franco Teixeira, D. Maria Emilia de Macieira Lino, marquesa de Avila e Bolama, D. Maria Fernandes de Aguiar, dr. Ferreira Roquete, D. Fanny Davidson Perestrelo de Vasconcelos, condes da Louzã, D. Maria do Amparo Mendes de Almeida Belo, madame Santos Fonseca, João Caetano Lopes, Adriano Coelho, José de Azevedo Cunha, dr. Marques Diogo, Roberto Pegado, D. Eliza Diogo da Silva dos Reis Torgal, Santos Bastos, D. Ana Moreira de Carvalho, dr. Mario Tavares de Carvalho, dr. Cardoso de Oliveira (embaixador do Brasil), D. Rita Correia de Sampaio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, madame Rawes, duques de Palmela, José Eduardo de Abreu Loureiro, Mendes Afonso, D. Maria Tereza Pressler Pinheiro Chagas, Julio Ribeiro, Luiz Rau, David e Silva.

D. Gerty Abecassis Neto Afonso, dr. Alberto Pedroso, Antonio Marques de Freitas, Frederico Pressler, Manuel da Graça da Costa e Silva, Henrique de Mendonça, Estalino Dias Ribeiro, João Carlos Aranha, viscondes de Alvelos, Alexandre do Couto, Eduardo David Martins, Antonio dos Santos Jorge, Eduardo Ernesto dos Santos, dr. Santos Lima, D. Beatriz Vieira de Castro, dr. Henrique Bastos, Rodrigo Peixoto, D. Maria Molini, dr. Eduardo Pinho de Almeida, Fernando Formigal, Nuno Queriol, dr. Manuel Roldan y Pego, dr. Manuel Gomes de Amorim, Anibal Vaz, C. E. Moutinho de Almeida, dr. Domingos Pinto Coelho, D. Laura Avelar da Cunha e Silva, J. A. J. dos Santos, Portugal Durão, Gaspar da Costa Ramalho, Carlos Luis Ahrends, dr. José Pessanha, Luis Borges Bandeira de Melo. D. Judith Barbosa Collen, Ernesto Carlos de Mendonça, José da Costa Carneiro, dr. Artur Ravara, dr. Augusto Lobo Alves, Brederode Smith, José Pizzani da Cruz, Antonio Ferreira Marques, D. Sára da Mota Vieira Marques, dr. Pedro de Campos Menezes, Alfredo Viana, Antonio de Vasconcelos Correia, D. Clotilde Oom de Almeida Lima, etc., etc.

A'manhã publicaremos a nota das pessoas que têm assinatura nos «fauteils»

Pontos de reunião

No Nacional

Assistencia elegante á recita da moda de ontem na qual mais uma vez se representou a lindissima peça «O Leque de Lady Margarida»:

D. Berta Ortigão Ramos, D. Maria do Carmo da Camara Horta e Costa, D. Ana Cabral da Silva e filhas, D. Maria Emilia e D. Maria do Carmo, D. Ludovina Roquette Monteiro Soares de Albergaria Sotto Maior Diniz, D. Maria Luisa da Camara Horta e Costa Martins, D. Maria Emiliana Cabral da Silva da Costa Ramalho, madame Alvaro da Camara Horta e Costa, D. Maria Eugenia de Freitas Vasconcelos Pinto e filhas D. Maria de Lourdes, D. Alice Maria e D. Maria Ana; D. Rosalina Pinto da Silva de Carvalho Ferreira e filhas D. Maria Emilia e D. Maria do Carmo; mesdemoiselles Sousa e Silva, etc., etc.

No Cinema Condes

Continuam sendo as sessões deste elegante cinema o ponto de reunião preferido pela nossa primeira sociedade para os seus «rendez-vous» quotidianos. Ontem a linda sala do Condes tinha um aspecto verdadeiramente encantador, recordando-nos ter visto, apesar da grande aglomeração de espectadores, num dos intervalos do engraçadissimo «film» «Patifa da Primavera», as senhoras:

D. Alice Felix da Costa Monteiro e filha, D. Maria Rufina de Abreu Baptista e filha D. Maria da Conceição; D. Susana Ayres de Castro, D. Maria Teresa Galvão de Sá Ferreira da Cunha Sotto Maior, D. Ilda de Magalhães Pedroso e irmã, madame Fernando Borges, D. Angelica Mitre Conceição e Silva, D. Marta de Sousa Machado, D. Maria Ana de Sousa Machado Rezende e Silva, D. Cristina Teixeira de Azevedo, D. Maria Emilia Galvão de Sá Ferreira, D. Maria Teles, D. Odulia Mitre, D. Maria Emilia de Azevedo Meireles de Castro e filhas D. Eugenia e D. Alice; D. Maria Felismina Osorio de Melo e Silva, D. Dolores Pinto Marques, mesdemoiselles Tavares da Silva, etc., etc.

Recitas elegantes

No Eden

A'manhã realiza-se uma nova recita da moda neste elegante teatro, um dos pontos de «rendez-vous» dos mais concorridos. As duas sessões com a fina e engraçada revista «Tiro ao Alvo» continuam tendo uma numerosa concorrencia.

Doentes

Encontra-se felizmente melhor a senhora D. Amelia Lima Mayer.

—Continuam a acentuar-se as melhoras do sr. conde de Paço Lumiar.

Em viagem

Encontra-se em Lisboa o sr. Bernardo de Brito (Ermida).

—Partiu para o norte com sua familia o sr. comendador Pedro dos Santos.

—Está em Lisboa o sr. D. José de Sousa e Vasconcelos.

TEATRO SÃO LUIZ
ÚLTIMA REPRESENTAÇÃO
O maior triunfo dos ultimos tempos
MILAGRE D'ALDEIA
SABADO, 6 — 4.ª recita de assinatura
Estreia da celebre opereta de Strauss
ULTIMA VALSA

HOJE ás 21,30
TEATRO SALÃO FOZ
ULTIMA representação da comedia
O ARROZ DOCE
Ámanhã não ha espectaculo, para montagem scenica da comedia em 3 actos O NOIVADO DO SEPULCRO que sobe á scena no proximo sabado

POLITEAMA
EMPREZA LUIS PEREIRA
Telef. 3028 N.
C.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE ás 21,30
Mamã Colibri
O maior sucesso da temporada
Extraordinaria creação de PALMIRA BASTOS
Magnificos mobiliarios da «Antiquaria de Portugal, 14, Calçada do Sacramento
ORQUESTRA SINFONICA DE LISBOA
Regencia de FERNANDES FÃO
DOMINGO, 7 — 8.º Concerto de assinatura
Programa esplendido

TEATRO SÃO LUIZ
CONCERTOS BLANCH
DOMINGO, 7 DE JANEIRO
MATINÉE, ás 3 horas da tarde
6.º CONCERTO DE ASSINATURA da Orchestra Symfonica Portugueza
dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH
com o concurso do distincto violoncellista professor Henrique Mendonça
Notaveis primeiras audições
— PROGRAMA —
1.º Parte — I — **Freyschutz,** ouverture, Weber. — II — **Tristão e Isolda, Preludio e Morte de Isolda,** Wagner. — III — **Polaca em Dó (1.ª audição),** Chopin, Orchestração de Tomás Breton.
2.º Parte — IV — **Concerto em Lá menor,** Saint-Saens, para violoncello e orchestra. Allegro non troppo; Allegro con moto; Final — Violoncello, professor Henrique Mendonça.
3.º Parte — V — **Don Juan,** poema symfonico, R. Strauss — VI — **Rapsodia hungara em Ré,** Liszt.
BILHETES Á VENDA

Coliseu dos Recreios
SABADO, 6 DE JANEIRO
ás 21 horas
ESTREIA
DA
NOVA COMPANHIA DE CIRCO
ÁMANHÃ BILHETES Á VENDA

Quereis poupar o calçado? Usae o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

LITERATURA FEMININA

"ANTONIO MENDES"

Um excerpto do livro de contos «Alegre a linda» de D. Maria Sophia de Santo Thyrso

Publicamos hoje um conto extraído do magnifico livrò de contos para crianças intitulado Alegre a linda, *de autoria da nossa gentil colaboradora e distintissima mulher de letras que é D. Maria Sophia de Santo Thirso. A literatura para crianças é das mais dificeis. Exige uma grande ternura, uma delicadeza de intenções, uma graça original e delicada, e um scenario complicado, onde o inverosimil se liga ao*

D. MARIA SOPHIA DE SANTO THYRSO

maravilhoso sem deixar as formas humanas e riais.

D. Maria Sophia tem o segredo dessa literatura — que tão util é no agente das crianças. Do valor do seu livro, que é um sucesso de livraria neste começo do ano, extraimos ao acaso o conto que segue.

Dom Ruy Gabriel, gnomo do luar, sentou-se no parapeito da janela de Amarylis e Amarylis sentou-se ao lado dele, e ele então contou que um homem que ha seculos morava na lua caira ao mar e afogara-se.

—E agora, não vai ninguem morar para lá? preguntou ela.

—E' preciso que vá alguem, respondeu Dom Ruy Gabriel, porque ás vezes vão lá pessoas e é exquisito se não houver quem as receba.

—E quem será que vai? preguntou Amarylis.

—Ha aí um homem tão alto, tão alto..., disse Dom Ruy Gabriel e poz-se em biquinhos de pés sobre o parapeito e levantou os braços o mais que podia porque lhe faltavam termos para exprimir tanta altura.

—Chega ao tecto do Rossio? preguntou Amarylis a rir.

—Isso não, disse Dom Ruy Gabriel, mas é da altura das casas, e por ser tão alto e tão endiabrado que não se sabe o que se lhe ha-de fazer querem pô-lo na lua. Mas ele não quere ir.

—Como se chama e onde mora? preguntou Amarylis ja muito interessada.

—Chama-se Antonio Mendes, disse Dom Ruy Gabriel, e enquanto coube em casa morou com a familia, depois, quando começou a bater com a cabeça no tecto e a entrar a porta de gatas, passou a ir dormir para a Rotunda. Puzeram-lhe até umas taboas tudo em volta por causa das correntes de ar e ele dorme encaracolado dentro delas como o Telim no cesto das meias.

O Telim é o cão de Amarylis.

—Se isso é tudo peta então não tem graça nenhuma, disse Amarylis.

—Venha comigo ver, disse Dom Ruy Gabriel.

Amarylis foi ao quarto dos bonitos buscar os patins que a ela lhe serviam para patinar sobre o luar como a outra gente patina sobre o gelo, e enfiou-os nos pés. Dom Ruy Gabriel já trazia os patins dele.

Foram patinando até á Rotunda e ao chegar lá espreitaram por cima das taboas. O Antonio Mendes não estava. Só lá estava o caixotão onde todos dizem que vão pôr o marquez de Pombal. Esse caixotão é a mezinha de cabeceira do Antonio Mendes.

Amarylis ficou desapontadissima.

—Oiço passos! exclamou Dom Ruy Gabriel, talvez seja ele!...

Foram ver. Não era o Antonio Mendes, era o duque de Saldanha, cujo cargo hoje em dia é mostrar o caminho aos carros electricos que querem ir para o Rossio, que tinha descido da sua coluna na sua praça e vinha marchando pela sua avenida abaixo.

—Onde vai? gritou-lhe Dom Ruy Gabriel — e teve que gritar bem alto porque o duque está bastante surdo.

—E vocês o que estão acui a fazer? preguntou por sua vez o duque apontando para um lado e olhando para o outro como é o seu costume.

Dom Ruy Gabriel explicou que tinham vindo á procura do Antonio Mendes.

—Que homem! que homem! berrou o duque de Saldanha, ontem de madrugada foi encontrado de fronte da estação do Rossio a toirear vacas dizendo que eram sidonistas. Esta noite diz que vai pintar o senhor Dom Pedro IV de verde claro a ver se as autoridades municipais o mandam cortar imaginando que é uma arvore. Que homem! que homem!...

—Vai ser exilado para a lua, gritou Dom Ruy Gabriel.

—E' bem feito, muito bem feito! disse o duque de Saldanha e pôz-se outra vez em marcha.

Dom Ruy Gabriel fez sinal a Amarylis e, sempre patinando pelo luar, foram para o Rossio.

No Rossio quando lá chegaram havia grande agitação.

O Antonio Mendes, que era tão alto que em bicos dos pés chegava ao Dom Pedro IV empoleirado na sua coluna, estava sentado no chão com uma enorme selha de ripolin verde claro entre os joelhos e uma brocha na mão. Em volta dele numerosos gnomos do luar davam pulinhos e gritinhos de agitação e divertimento. As sereias tinham entrado para dentro da agua e estavam debruçadas na borda do tanque. As figuras do frontal do Teatro Nacional gesticulavam e diziam coisas e ninguem lhes dava atenção. O senhor Dom Pedro IV, lá muito em cima, fazia de conta que não era nada com ele por causa da sua dignidade.

—Não o pintes, diziam as sereias, para verdura lá tem a coroa de loiro.

—Hei-de pintar o que eu quizer, dizia o Antonio Mendes.

—Vem viver para a lua, gritavam os gnomos do luar.

—E' lá uma maçada, resmungava o Antonio Mendes.

—Para te distraires podes fazer partidas aos que te forem lá visitar, atalhou Dom Ruy Gabriel.

—Não quero ir, já disse! gritou o Antonio Mendes ameaçando-o com a brocha.

Nisto chegou o duque de Saldanha. Como homem de resoluções energicas que sempre foi não gastou tempo em palavras. Com os seus musculos de bronze, porque o duque de Saldanha é todo de bronze, levantou a enorme selha de entre os joelhos do Antonio Mendes e dando um pulo enfiou-lha pela cabeça abaixo e o pobre Antonio Mendes ficou atrapalhadissimo dom a tinta verde clara que lhe entrava pela boca e pelo nariz. Aproveitando-se disto uma grande parte dos gnomos sentaram-se em dima do fundo da selha para que ele a não podesse desenfiar, e o senhor Dom Pedro IV, aliviadissimo por ver derrotado o seu inimigo, sentou-se na borda da coluna e disse cá para baixo:

—Agora vão buscar o Paralinpinpom que é entendido em magicas, ele que torne esse homem tão leve como o ar e os gnomos que o levem para a lua.

Enquanto metade dos gnomos ficavam sentados sobre a selha os outros partiram á procura do grande Paralinpinpom.

Amarylis e Dom Ruy Gabriel foram atrá

Amarylis e Dom Ruy Gabriel foram atráz deles.

Correram quasi toda Lisboa e por fim lá o encontraram recostado numa cadeira de marroquim verde a sonhar palavras magicas e dificeis.

Explicaram-lhe o que queriam dele e ele lá foi para o Rossio embrulhado numa capa, com uma onda no cabelo de tanto encostar a cabeça a cadeiras de espaldar, e um chapeu amachucado. Amarylis achou que ele tinha mesmo ar dum grande feiticeiro.

Ao ver o Antonio Mendes o Paralinpinpom calçou umas luvas, poz um monoculo, disse umas palavras desconhecidas, fez um gesto gracioso e o Antonio Mendes deixou de lutar contra a selha, contra o ripolin verde claro, ficou muito quieto, desmaiou... Estava leve como o ar.

Os gnomos agarraram no Antonio Mendes e transportaram-no para a lua e começou então a ver-se desenhada na lua a cara dele. Umas vezes de frente, outras vezes de três quartos, outras de perfil, é sempre a cara dele que lá se vê.

—Um dia destes iremos lá visitá-lo, disse Dom Ruy Gabriel a Amarylis, agora são horas de ir para casa.

—Uff! disse o duque de Saldanha, esta lebre está corrida e eu posso voltar para a minha praça nas avenidas novas.

E o duque fez a continencia ao senhor Dom Pedro IV e a todos presentes e foi-se embora.

As figuras do Teatro Nacional serenaram-se, as sereias voltaram para os seus logares, Dom Pedro IV retomou a sua posição de pé em cima da coluna e o Paralinpinpom magicamente desfez-se em fumo.

No dia seguinte o Rossio estava como sempre. Só no passeio deante da brasileira é que havia uns salpicos de tinta verde, mas ninguem deu por isso e hoje consta-me que já lá não estão.

NACIONAL
Telef. N. 3049 HOJE — ás 21 horas
A encantadora peça
O LEQUE DE LADY MARGARIDA
4 deliciosos actos, 4 — O enlevo das senhoras
Primoroso espectaculo
Na proxima semana: MISTER WU, peça em 3 actos — O HOMEM QUE PASSA, original em 1 acto
Segunda feira, 8: **Recita extraordinaria**
AMOR DE PERDIÇÃO — Bilhetes á venda.

APOLO Telef. N. 4129
Hoje ultimas representações em pleno éxito a incomparável revista de EDUARDO SCHWALBACH
O OVO DE COLOMBO
A mais atraente. A mais graciosa e deslumbrantemente apresentada. A seguir a revista
LUA NOVA
Original de Ernesto Rodrigues Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

TEATRO DE S. CARLOS
Sociedade do Teatro de S. Carlos, Ltd.ª
Tel. C. 5063
TEMPORADA DE OPERA
INAUGURAÇÃO: SABADO
6 COM A OPERA DE BIZET
CARMEN
pelos primeiros cantores Stefan Belina e Ellen Sadoven, tão apreciados na ultima época e baritono Maguenat da Opera de Paris, estreiando-se a cantora portuguesa Fernanda Côrte-Real

CONTEM PORANEA
ESTÁ Á VENDA O NVMERO DO
NATAL
QVE É
COLOSSAL
COMO É
NATVRAL

Assuntos forenses
inventarios, habilitações, cobranças etc.,
em todos os Estados do Brasil
Referencias e garantias bancarias
Procuradoria Geral Luso-Brasileira
R. do Ouro, 220, 2.º — *Tel. N. 2363*

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

EDEN-TEATRO A'S 8 1/4 E 10 1/4 A REVISTA **TIRO AO ALVO** PROMENOIRS 1$00

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

A velha mendiga

Numa laconica noticia de jornal li, ontem, que foi presa uma velha mendiga de setenta e cinco anos, andrajosa e sem domicilio certo, a quem apreenderam, na esquadra, mais de oitenta contos em titulos, que trazia guardados numa suja mala de mão!

E a gente fica-se a meditar na fôrça incompreensivel das paixões humanas, e vê que a mais prodigiosa é a avareza. A avareza dispõe duma tenacidade, duma energia, duma passividade em suportar e duma paciencia em resistir, que nenhuma outra paixão consegue. A avareza vence a miseria, a fome, a fraqueza, a velhice, as dôres proprias, as dôres alheias, tudo. Não conhece a generosidade, a compaixão. Os mais elementares sentimentos apagam-se diante dessa paixão unica, exclusiva, ardente. Aumentar continuamente «o pé de meia», as economias, o peculio, o tesouro, é o unico fim, a unica ideia, o unico desejo. Tudo se cala, diante dessa febre constante, que alimenta e que dá vida, ao que parece, visto que ha tantos avarentos velhos...

O tipo imortal desenhado por Balzac, viverá eternamente na rialidade, embora o julguemos extinto, porque o avarento é obscuro e discreto. Guarda ciosamente o seu dinheiro e apaga resolutamente a sua pessoa.

O seu dinheiro oculto é para ele tudo; amor, familia, consideração, felicidade. Guarda-o amorosamente, com ternura, com enlevo. Para quê? Não sabe, certamente. Aquele dinheiro não lhe dá os gosos da mocidade, nem o repouso e o conforto da velhice; aquele dinheiro não ajuda os seus, não socorre ninguem, não gira, não produz—aumenta apenas e é a sua paixão enraizada e violenta.

Diz Dostoiewski que as condições e as paixões mais enraizadas são as que não se fundam num raciocinio.

Para que quer esta velhinha pedinte, de setenta e cinco anos, os oitenta contos que trás na mala que adquiriu sabe Deus como, sabe Deus com que miserias e baixesas? Se lh'o perguntarem é evidente que não pode responder. O que ela sabe é que vive na pobreza, que tem de morrer, que está numa idade já avançada e que por isso a morte não deve vir muito longe... Sabe?... Para quê... se nada disso a convence?

E a gente queixa-se da morte!... O que seriam as nossas más paixões se tivessemos a certeza de nunca morrer!...

Maria de Carvalho.

Ambrine

Remedio Ideal para a imediata cura de:
Queimaduras qualquer que seja a sua origem, recentes ou antigas.
Fleiras—Ulceradas ou não. Profundas ou não.

Ambrine

Remedio excelente contra:
Eczema, Psoriasis, Usagre, Pemphigus nas crianças, Panarícios, etc.

Ambrine

O melhor dos pensos queptes. Substitue as cataplasmas ordinarias.

Ambrine

Deve encontrar-se sempre em todas as oficinas, fabricas e em todos os lares. E' um remedio sempre-pronto para curar: Queimaduras, Golpes, Contusões, etc., fazendo cessar as dores e as perdas de sangue, imediatamente a sua aplicação.

VENDE-SE em todas as boas farmacias e drogarias

Deposito Geral para Portugal:

A. Serra e Moura, Lt.ª

T. dos Remolares, 30, 2°

Telefone 3353 C.—LISBOA

CIVILISAÇÃO QUE SE PROLONGA

PORTUGAL

a lingua portuguesa e os costumes portugueses

vivem ha quatrocentos anos, sem que governos ou alguem o saiba

EM SALONICA, EM SMIRNA E NOUTROS PONTOS DO ORIENTE

Portugal e os portugueses nos confins da Grecia! A nossa lingua e os nossos habitos em plena Salonica dos gregos, dos turcos, dos ingleses e franceses da colonização forçada, dos povos mesclados dos Balkans!

A palavra *amor*, a palavra *saudade*, a palavra *graça*, a palavra *adeus*, a palavra *mãe* na longinqua, cahotica, bastarda, sangrenta Smirna dos tapetes e dos cahiques turcos da escravatura!

Quem no-lo diria!

Pois diz-nos um português, dos milhares de portugueses, das centenas de familias hebraicas portuguesas que ha quatro seculos ocupam nalgumas terras do Oriente, e em especial em Salonica, o comercio local.

E' um português, de barbaro nome pseudo-nacionalizado grego, F. de X. e X., cujo apelido é, ao cabo de uma arrevezada serie de cruzamentos, este: Beja.

Este português — vem pela primeira vez na sua vida a Portugal. Fazer o quê? — pregunta o leitor. Saber dos seus maiores, que foram de Evora, a linda e branca e silenciosa cidade de Evora, em cujos arquivos da inquisição está todo o tombo da familia. Ele nos diz:

— Quando da inquisição, em pleno auge da luta contra os judeus em nome de Cristo, muitos judeus, para não abjurar, tiveram de fugir. E para onde foram? Para a Turquia, que os recebeu. Alexandria, Smirna, Salonica. Sob o ponto de vista religioso e em relação á moral do tempo—eram suspeitos os portugueses. Mas não era, como verifiquei. O nosso português, falado, escrito, vivido era puro.

E o sr. Beja, ele proprio, fala o português, adulterado por 400 anos de Oriente mas fala-o, numa clara afirmação de vitalidade de uma lingua bela, rica, eternamente moça.

— Certo fugimos. Mas lá — fizemos Portugal. Em Salonica temos os nossos templos judeus, batisados em português. Veja: um chama-se «Evora», outro «Beja», outro «Lisboa», outro ainda «Lisboa», um mais «Portugal». No Oriente, de resto, Portugal vive aqui e ali.

—E falam português?

—Sim. Mas como estes portugueses, estão muito ligados a espanhois, com cujas familias alguns se cruzaram, o português não é como aquele que aqui se fala. Bem vê.. Mas no fundo, sômos nós a falar.

—E os costumes?

—Ha quasi quatro seculos são portugueses. Ha lá as familias Peres, Chaves, Cardoso, Beja, tantas, tantas. São quatrocentas familias em Salonica, com cêrca de três mil portugueses.

—Mas—ignora-se aqui.

—Tudo. O ministerio dos Estrangeiros não o sabe. Porque a Grecia, depois de 1912, obriga á nacionalidade grega. Só raras familias, á fôrça de empenhos, conseguiram ficar... portuguesas.

—São os daqui, do Alemtejo principalmente. Ha por lá ainda coisas portuguesas, um movelsito, uma recordação, faianças, até roupas, joias, coisas de Portugal. Mas a maior parte, a totalidade, pode dizer, desses judeus de Portugal, não viram Portugal.

—Adivinham-no.

—Sim, e têm orgulho. Uma coisa dificil de explicar.

—A lingua?

—Já disse: estropeada. Dizemos *hijo* em vez de *filho*. Mas não dizemos como os espanhoes *hijo* pronunciando *hirro*. E' *hijo* quasi *filho*. Dizemos *amor, saudade*. Dizemos alguns, não todos, na provincia *mái, paren, tem graça*.

— E vivem bem?

— O governo deve ter em conta esta longinqua restea de Portugueses-judeus — mas portugueses. Não são para desdenhar, pois a maior parte são gente «trés bien», gente de situação, ricos, ilustrados, de grandes relações. Infelizmente o nosso consul lá é... grego, e protege os espanhois contra nós. Podiamos lá meter as nossas sardinhas, vinhos mesmo e tanta cousa. Mas... — guerreiam-nos. E' pena! Muita pena!

Gostou de Portugal?

— Muito. Vou encantado. E agora que descobri em Evora, todo o romance dos meus maiores, que recolhi os nomes, titulos, posições, até de outras familias, agora vou lá levar tambem um sôpro de Portugal. Um bocado do ceu, do ar, e da graça das mulheres, nos meus olhos. E aqui, com certa malicia e certa sinceridade, terminou o sr. H. M. E. (Beja), que é pessoa de cultura e fortuna, a sua exposição.

SAIBAM TODOS...

Que para se comprarem as melhores fazendas tanto para fatos de homem como para vestidos de senhora e por preços tão baixos que causa admiração, é necessario apenas encomendá-las directamente á Grande Fabrica de Lanificios de Manuel Jeronymo de Mattos, Succrs.—Covilhã

REMETEM-SE AMOSTRAS PARA TODOS OS PONTOS DO PAIS

Pelos teatros

A proposito de uma entrevista

Do actor Ribeiro Lopes recebeu o seu colega Rafael Marques uma carta em que a proposito da entrevista que este havia concedido sobre a marcha dos negocios da Companhia Lucilia Simões, no Brasil, confirma todas as suas declarações. Em certa altura Ribeiro Lopes diz:

«Estou saturado do francesismo desta Companhia que muda de nacionalidade como quem muda de camisa», afirmando depois que as casas, no Rio de Janeiro, estão com medias de 400$000 réis (moeda brasileira) e que em S. Paulo foi um verdadeiro horror pois que «não nos ligaram nenhuma importancia: imprensa e publico num ataque cerrado».

Atrás do reposteiro

Não é com uma peça estrangeira, mas sim com um original português, — a «Ribeirinha», de João Correia de Oliveira e Francisco Lage, — que Amelia Rey Colaço reaparecerá, dentro em breve, no Politeama. Com prazer registamos o facto que, mais uma vez, vem demonstrar o carinho que a ilustre actriz e a sua companhia dispensam aos originais portugueses, dando-lhes, sempre que póde, preferencia sobre as traduções que infestam do decadente teatro de lá de fóra os nossos palcos.

Ha, entre os moços escritores de teatro, alguns nomes já afirmados com notavel relevo e outros que procuram afirmar-se. E' preciso que as Empresas os não esqueçam e que os artistas os interpretem com afecto.

— Regressou a Lisboa, depois de uma brilhante e proveitosa «tournée» pela provincia, a Companhia Alves da Cunha, que em toda a parte foi acolhida com grandes aplausos. Este grupo devia seguir agora para as ilhas, mas parece que, tendo o actor Joaquim Prata de sofrer uma operação, a partida se adiou para mais tarde, fazendo-se, entretanto, uma digressão pelo Alemtejo e Algarve.

— Parte na proxima semana para Paris, de onde segue directamente para o Rio de Janeiro, o emprezario José Loureiro.

— A Companhia Lucilia Simões embarcou ante-ontem, no Rio de Janeiro, a bordo do «Curvello», para Lisboa, assim como o actor Ribeiro Lopes, embora desligado da mesma. Esta Companhia deve estreiar-se no Sá da Bandeira, do Porto, no dia 1 de março, mantendo-se ali até fins de Abril, para reaparecer no Politeama, em maio.

—A companhia Aura Abranches, actualmente no Sá da Bandeira, reaparece no Avenida no dia 1 de março.

—No proximo domingo deve terminar a serie de representações da peça «O leque de Lady Margarida», que com tanto sucesso se tem mantido no Nacional.

—Na recita extraordinaria que no dia 8 se efectua neste teatro com uma unica representação da peça «O amor de perdição», o papel de «João da Cruz» será desempenhado pelo actor Joaquim Costa.

—A primeira representação da peça «Poliche», de Bataille», no Avenida, ficou adiada para segunda-feira, 8.

—Está em scena no Rio de Janeiro uma revista intitulada «Surpresas da Exposição».

—Afirma-se que as actrizes Maria Judice e Brunilde Judice ficarão em S. Paulo, trabalhando para uma grande empresa de «films».

—Na «reprise» da revista «Lua nova», no Apolo, o «compère» vai ser desempenhado pelo actor Henrique Alves.

—Estreia-se no proximo sabado, 6, em S. Carlos, a companhia de opera com a «Carmen», interpretada pelo tenor Stefan Belina, a mezzo-soprano Sadoven e o baritono Alfredo Maguenat. A seguir cantar-se-ha a opera «Barbeiro de Sevilha».

—No elenco da nova companhia de circo, que no proximo sabado, 6 do corrente, realiza a sua estreia no Coliseu dos Recreios, figuram os seguintes numeros:

«Trio Brilhantes», ginastas; «Max Kid» e o seu gato mecanico, trepador de cordas; «Trio Fernand Morandi, saltadores; «Florence e Selika», fantasistas; «Henriette Lefèvre», rainha do «Diavolo»; «Great Gerard», malabaristas de pesos; «Mademoiselle Ruth Ryle», equilibrista aerea, e «Irmãos Albanos», «clowns».

—Continuam activamente as obras de reconstrução do Ginasio, tendo já terminado todo o trabalho de desentulhamento.

—E' no proximo sabado, 6, que sobe á scena no S. Luis, a operela de Strauss, «A ultima valsa», tradução de Alberto Morais e Feliciano Santos.

—Os estimados artistas Hortense Luz e Mario Pombeiro, que durante muitos anos fizeram parte da Companhia Maria Matos e Mendonça de Carvalho, foram contractados pelo empresario sr. José Loureiro para a Companhia Lucilia Simões, que deve chegar a Lisboa no dia 16 do corrente, de regresso da sua «tournée» ao Brasil, que durou 8 meses. Esta Companhia reaparecerá no dia 1 de Março, no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, onde funcionará um mês, trabalhando depois em Lisboa, no Teatro Politeama, durante 3 meses.

POLITEAMA HOJE

Mamã COLIBRI

com PALMIRA BASTOS

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

NEM PRESO SE PODE ESTAR...

OS PREÇOS das visitas

aos calabouços particulares e gerais do Governo Civil aumentaram respectivamente 200 e 500 por cento

Em boa verdade, aquilo do governo civil sempre foi de nos levar os olhos da cara.

Moços, comida, recados, gratificações, fazem no fim do dia um grande rol que exgota as economias de qualquer preso, a menos que se trate de qualquer vigarista afamado ou de qualquer negociante miliciano com sorte...

* * *

Nunca, porém, como agora, a vida se torna impossivel a quem tenha a desdita de caír nas garras da policia, por qualquer motivo.

Já não se fala nas despezas com moços, com o pagamento dos quartos, nas pesadas multas que qualquer pequeno delito importa, etc., etc.

Agora, nova alcavala surge. Os preços das visitas acabam de ser aumentados consideravelmente.

Quem quizer ir aos quartos particulares visitar um preso se até aqui pagava cinco tostões, tem agora de esportular quinze. Nada menos que 200 por cento de aumento.

Pior ainda o que sucede com os calabouços gerais, onde a visita custava dois tostões e passou a custar dez.

Quinhentos por cento de aumento! Nada menos. E é para quem quere...

* * *

Não sabemos a que altos fins se destina o dinheiro cobrado por este processo. O que nos parece é que não ha direito de aumentar, assim tão buscamente, o preço das visitas, sobrecarregando desta maneira, extraordinariamente, o carinho e amizade das mães, dos irmãos, das pessoas conhecidas...

* * *

A proposito:

—Tendo os jornalistas, constantemente, necessidade de falar a presos, não seria possivel que, em face do cartão de identidade, lhes fosse permitida a entrada, sem a pesada contribuição que ao vulgo é exigida?

CAMBIOS

DIA 4

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 3|8	2 5|16
» 90 d/s	2 13|32	—
Paris	1 571	1$614
Berlim	2 1|2	3 1|2
Holanda	8 572	8$804
Espanha	3$440	3$513
Bélgica	1$453	1$492
Itália	1$125	1$153
Suiça	4$119	4$ 30
Suecia	5$881	6$04)
Noruega	4$138	4$249
Dinamarca	4$447	4$581
Nova-York	21$708	22$294
Brasil	2$552	2$590
Rio Londres	6	—
Libra esterlina	104$000	110$000
Agio do ouro	2$200	2$300

A RUSGA DA NOITE PASSADA

Prisão de cincoenta mulheres

Na rusga ontem passada ás ruas da Baixa, a policia prendeu cincoenta mulheres, que foram conduzidas, em «camion», para o governo civil, cantando durante a trajecto «A Internacional».

Uma carta geografica

Da Direcção Geral dos Trabalhos Geodezicos e Topograficos, do ministerio do Comercio, recebemos uma carta de Portugal, referente á região de Montemór-o-Novo.

MANUEL A. CABRAL
ALFAIATE
170, 1.°, Rua do Ouro, 170, 1.°—Telef. C. 3060

A ETERNA QUESTÃO

AS SUBVENÇÕES

Os empregados publicos não estão contentes

O funcionalismo foi hoje, em massa, ao Director da Contabilidade Publica, tornando-o responsavel pela sua situação

Quem pela volta das 14 horas, hoje, percorresse os ministerios havia de supôr que o pessoal das suas respectivas repartições havia declarado a greve. Abandono quasi total. No fim de contas, nada de greve—apenas uma ida, em massa, ao ministerio das Finanças, onde está instalada a Direcção Geral da Contabilidade Publica. No *mare magnum* das cabeças, onde havia côcos e chapeus moles de todas as cores e feitios, o jornalista descortinou Nogueira de Brito—funcionario publico e jornalista distinto.

—Que é isto? Um acto de rebelião?

—O funcionalismo dos ministerios, representado pelos seus primeiros e segundos oficiais, resolveu vir declarar ao sr. Antonio José Malheiro que o julga responsavel pela sua *lindissima* situação.

A um gesto nosso de estranhesa, Nogueira de Brito explica:

—Como deve saber, aos funcionarios do ministerio das Finanças foi dado aumento de vencimentos. Ora nós desejamos ser equiparados. Nada mais justo. E' a aplicação da lei 1:755...

—Mas que tem o director geral da contabilidade com isso?

—O que tem? Tem influido no animo do ministro a seu bel-prazer.

—As subvenções têm sido para os meninos bonitos, por ele apadrinhados—diz uma voz ao lado.

Entretanto, a comissão entra.

Na grande maré humana, arrastada até ali, impiedosamente, pelas necessidades tremendas desta vida dificil, passa um estrecimento, mais de desconfiança que de esperança. As multidões são assim. Pode o director geral da contabilidade estar isento de qualquer influencia sobre o ministro. A multidão, que o julga responsavel, fá-lo, efectivamente, responsavel, contra tudo e contra todos. Metia, se preciso fôsse, todas as suas mãos na fogueira...

Não se ouve nada cá fora do que se diz lá dentro. Entretanto, na multidão, sobem de vez em quando alguns desgarrados e descoloridos apoiados.

—Que demora—murmura-se.

—Está a lavrar o decreto...

—Qual decreto? Os outros não precisaram de decretos!

A comissão sai. Então? Que disse o homem? Todos se comprimem—todos formulam perguntas.

—O homem livrou a agua do capote. Diz que a culpa não é dele!

Uma voz, ao longe, comanda:

—Ao ministerio das Colonias.

—Ao ministerio das Colonias!—repetem todos.

* * *

O jornalista não quere perder a ocasião de falar ao sr. Antonio José Malheiro.

—O sr. director dá licença?

—Não atendo mais ninguem.—E supondo-nos funcionario aconselha o ministerio das Colonias.

—Perdão. V. ex.ª esta equivocado, somos do *Diario de Lisboa*...

Entramos. O director geral da contabilidade está de pé, deante da sua meza de trabalho, com as mãos nas algibeiras. Num dos bolsos do colete, uma caneta vermelha de tinta permanente.

—Desejamos saber a opinião de v. ex.ª

—A minha opinião? Se eu pudesse dizer a minha opinião! A unica coisa que tenho a dizer é que só agora sei que sou uma pessoa tão importante.

Ao lado, um sujeito gôrdo e edoso, que deve ser do quadro, faz a defesa do director:

—Parece impossivel! Um homem tão importante, capaz de manejar a seu gosto a vontade dos ministros, e que ganha menos do que qualquer chefe das repartições da Alfandega!

* * *

No ministerio das Colonias, o ministro, que despachou a favor dos seus subordinados, promete interceder, em conselho, a favor do funcionalismo dos outros ministerios.

Esta promessa do ministro levanta vivas de alegria:

—Viva o sr. ministro das Colonias! Viva a Republica!

A multidão dispersa.

—E agora?

—Agora? Vamos trabalhar...

A MANIFESTAÇÃO LIBERAL

OS ACONTECIMENTOS DE ONTEM Á NOITE

O que nos conta o continuo Floriano Luís que levou uma cutilada na cara

Se quasi toda a gente viu com simpatia e desvanecimento a cerimonia que ontem se realizou na Ajuda, pelo seu alto significado nacional e diplomatico, algumas vozes discordantes se ergueram, em protestos platonicos que a policia facilmente abafou.

Para as nove horas da noite de ontem estava marcada uma manifestação liberal de protesto contra a imposição do barrete cardinalicio a Mgr. Locatelli. Efectivamente, por volta das dez horas começaram a juntar-se perto da estatua de Camões alguns conhecidos republicanos que romperam aos vivas á *Republica* e aos morras á *Reacção* e aos *jesuitas mascarados*. A policia, sob as ordens do seu 2.º comandante e do sr. governador civil dispersou o grupo, prendendo os recalcitrantes que depois foram restituidos á liberdade.

No meio disto tudo, houve algumas bengaladas e espadeiradas sem consequencias graves.

* * *

Dos individuos presos por motivo da manifestação, só se conservam ainda a ferros o marinheiro Emilio da Cunha Gatão e o continuo do ministerio da Instrução. Este tem a cara cortada por uma cutilada e está no calabouço n.º 2. Conta a scena:

—Eu vinha na manifestação. O marinheiro apanhou uma espadeirada e agarrou-se ao agressor que lhe deu outra. O Gatão caiu; e como eu visse que continuavam a bater-lhe, protestei, soltando um viva á Republica. Foi o bastante para me cortarem a cara.

—Você vinha armado?

—Trazia uma bengala, mas não me cheguei a servir dela. Depois de ferido, fui ao hospital curar-me. Estava na *Brasileira* do Rossio, com outros republicanos, quando passou o cabo de ronda do Nacional que me prendeu. E' uma pouca vergonha! Ou bem que estamos em Republica, ou bem que não...

E termina a conversa:

—Eu cá sou liberal. E assim como nós lhes démos liberdade para pôrem o barrete e rezarem na Ajuda, entendo que tambem nos deviam dar a liberdade de protestar ...

A VENDA DO VAPOR "LIMA"

UMA CARTA a respeito

da entrevista que o "Diario de Lisboa" publicou ontem, onde a Comissão Liquidataria dos T.M.E. diz de sua justiça

A proposito das informações que ontem publicámos, em entrevista, sobre a venda do vapor «Lima», escreveu-nos a comissão liquidadora dos T. M. E. uma extensa carta, da qual, por nos ser impossivel reproduzi-la na integra, inserimos a seguinte passagem, em que se sintetisa o criterio das considerações produzidas:

O paragrafo 2.º do art. 10.º, da lei n.º 1346 de 9 de setembro, ultimo, diz o seguinte: Fica o Governo autorisado a retirar um navio, a fim de ser entregue a qualquer entidade, nas condições que julgar convenientes, destinado ao serviço das ilhas adjacentes.

Ao abrigo da rederida disposição, a Empresa Insulana de Navegação requereu em 15 de setembro ao senhor ministro do Comercio que lhe fosse vendido o vapor «Lima» de que era fretadora, caso lhe conviesse o preço. Em 21 de setembro era o pedido deferido, sendo mandado fazer a avaliação pelos peritos dos Lloyds; e em 27 do mesmo mês o Conselho de Ministros confirmava esse despacho.

Tudo isto se passou anteriormente á posse da Comissão Liquidataria, que só se efectuou em 2 de outubro.

Devido á falta da doca em que o vapor pudesse entrar e a uma greve de tripulantes, só em fins de novembro e começo de dezembro puderam os peritos dos Lloyds proceder á sua inspecção e avaliação, computando o seu valor, no estado em que se encontra em 1.600 contos e as reparações de que carece para obter classificação em 900 contos.

Comunicada a avaliação ao Governo, foi o sr. ministro da Marinha incumbido de dar parecer, o qual, para esse efeito mandou ouvir as estações competentes do seu Ministerio. Estas concordaram com a avaliação, em virtude de que em 27 de dezembro, o sr. ministro do Comercio lavrou o despacho mandando proceder á venda; ficando a cargo da entidade compradora o pagamento do custo da avaliação; e incumbida a Comissão Liquidataria de celebrar o respectivo contracto, podendo delegar em dóis dos seus vogais a representação do Estado. Em 29 de dezembro, tendo tomado conhecimento do despacho, a Comissão encarregou os srs. Cerveira de Albuquerque e Ruy dos Santos de outorgarem no contracto, que se celebrou nesse mesmo dia.

O sr. Brito Camacho

chegou a Lisboa e vai publicar um livro sobre Moçambique

Chegou ontem a Lisboa o sr. dr. Brito Camacho. Deve ter conferenciado esta tarde com o ministro das Colonias.

Sabemos que o sr. dr. Brito Camacho traz um livro sobre Moçambique que dentro de pouco tempo dará á luz da publicidade.

A sopa dos pobres de S. Sebastião

A presidente e as zeladores da Sopa dos Pobres de S. Sebastião da Pedreira, profundamente reconhecidas aos valiosos donativos recebidos durante as festas do Natal, pedem-nos a publicação destas linhas, patenteando a sua gratidão.

A marca do melhor calçado de luxo
ELEGANTES
e
aristocraticos modelos
para a presente estação
CASIMIRO SILVA
Telefone 3895 N.
112, Avenida da Liberdade, 114
—LISBOA—
CALÇADO LIZ MARCA REGISTADA

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as cansadas por mordeduras de insectos. Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Sousa Manoel, 65.

LAMPADAS

Vendem aos melhores preços:

Lobato & Silva, Ltd.ª

Rua da Prata, 8

Telef. C. 1917

Janotas????

Sejam economicos

MADEIRA, ALFAIATE, participa aos seus amigos e fregueses que mudou o seu estabelecimento de alfaiataria da Rua do Sol ao Rato, 215, para o Largo da Trindade, n.os 11, 12 e 13

Maquinas de escrever

Novas e usadas. Concertos garantidos em todos os sistemas de marcas.

Rua Augusta, 76-4.º

J. Viegas Pereira

Fabrica de

Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

CALÇADO BARATO só o vende o CANDEIAS

INTENDENTE (defronte do chafariz)

Sapatos em calf para senhora.	17$60	Botas em vitela preta para senhora.	30$00
» » » preto de 1.ª	28$00		
» » vitela, salto razo,	24$00	Botas em vitela nacional para homem	29$00
» » verniz, salto sola.	35$00		
Botas em calf preto, 2 solas, 1.	55$00	Botas em vitela branca.	30$00
Botas «double» gáspia, para homem 2 solas corridas	60$00		

Visitai as nossas novas secções de fanqueiro, retrozeiro, modas, camisaria e roupparia, o que vendemos a preços extraordinariamente baratos.

Ao Candeias! Ao Candeias!

GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

Curso dos Liceus e Comercial

EXPLICAÇÕES DOS LICEUS—AULAS NOCTURNAS E DIURNAS

no

COLEGIO ACADEMICO

Director: PROFESSOR RUY GOMES DA COSTA, diplomado e inscrito em todos os liceus

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 27, rés-do-chão

(Junto á Praça Marechal Saldanha)

OURIVESARIA CASTELHANO

21, RUA EUGENIO DOS SANTOS, 21

(ANTIGA RUA DE SANTO ANTÃO)

:: Compra e vende aos melhores preços joias antigas e modernas, ouro, platina e pratas artisticas. : :: ::

Grande exposição de joias antigas

JOIAS DE BOM GOSTO

OURO, PRATAS, antiguidades, cristais guarnecidos, peças artisticas de novidade, proprias para brindes

Vendas com garantia — Desconto aos revendedores

Saraiva, Costa & Santos, L.da

OURIVES-FABRICANTES

VARIEDADE em objectos novos e em segunda mão que vendemos só pelo peso

confrontem os nossos preços — TELEFONE N. R E 3954

44 -- RUA EUGENIO DOS SANTOS (Vulgo Santo Antão) -- 44

LISBOA

A PORTUENSE

Companhia de Seguros S. A. R. L.

FUNDADA EM 1902

Capital: Esc. . . 500.000$00
Realizado » . . 50.000$00
Fundo Reserva. . 110.000$00

Seguros contra

FOGO e MARITIMOS

Agencia em Lisboa:

Rua do Arsenal, n.º 124, 3.º

Telegramas: Tanalo

Telef. C. 2213

MEIAS

Acabam de chegar!!

300

duzias de meias de seda, preto e côres, a

9$490

CASA DAS MEIAS

115—Rua do Ouro—119

ANNIBAL NEVES, L.DA

Rua da Prata, 242|48

LISBOA

Telefone N. 3:040 — Teleg. VAPOR-LISBOA

Maquinas
Ferramentas
Materias primas
para todas as industrias

JOAIS

COM SAFIRAS, DIAMANTES E BRILHANTES, MODELOS DO MAIS FINO GOSTO

PREÇOS SEM COMPETENCIA

SÓ NO

CORREIA MOURA & PIMENTA, L.DA

RUA DE S. PAULO, 186

(Proximo á CASA DA MOEDA)

ALFAIATARIA

Rua Arco Bandeira, 173, 3.º D.

S. MARQUES

Ex-contramestre da ALFAIATARIA PARIS

Especialidade em fardamentos do exercito e da marinha.

VARIADO SORTIMENTO DE FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

UMA QUESTÃO COMPLICADA

OS "SOVIETS" E A ESQUADRA SIBERIANA

O almirante Starck não quere entregá-la ao governo de Moscow

RIGA, 3

O almirante Stark que comandava a frota siberiana em fins de outubro, levantou ferro quando as tropas vermelhas chegaram a Vladivostock levando com ele todos os barcos que estavam sob as suas ordens. O governo dos soviets intimou ao almirante que entregue os navios com as suas tripulações prometendo uma completa anistia se a entrega se realisar antes do fim de janeiro. No caso contrario, o almirante e as suas tripulações serão postos fora das leis pelo governo dos soviets.—(R.)

Aviação sem motor

Um francês bate todos os «records» do mundo

BISKRA, 4

O aviador francês Thoret, tripulando um avião ordinario, elevou-se acima da colina Elousat, cortou o motor e aterrou, depois de sete horas e três minutos de vôo planado, batendo assim todos os «records» do mundo. —(H.)

"O OVO DE COLOMBO" NO APOLO

Apesar de continuar contando as suas representações pelas enchentes, poucas mais representações dará a revista de Schwalbach, *O ovo de Colombo*, actualmente em scena no Apolo.

Retirará, de scena, em pleno exito, visto a companhia Ruas partir em digressão ao Brasil, em março, proximo, devendo, antes, representar, ainda outras peças, em consequencia de compromissos anteriormente tomados. Deve, portanto, aproveitar estas derradeiras despedidas quem ainda não foi vêr *O ovo de Colombo*, cujas atrações fazem com que possa ser classificada como uma peça verdadeiramente sem rival. Hoje, no Apolo, repete-se *O ovo de Colombo*.

Joalharia, Ourivesaria e Relojoaria

Julio Rei, L.da

Ex-empregado da Joalharia A. de Abreu
Grande sortimento em todos os artigos por preços excepcionais.
30--Praça dos Restauradores--31
(Palacio Foz)
Telefone N. 4.056

VITAMINA
FERMENTOS INDISPENSÁVEIS Á VIDA
ALIMENTO BIOLÓGICO COMPLETO

SÓROS DO PROF. MARAGLIANO
TRATAMENTO DA TUBERCULOSE

LIPOVINA IBYS
ACÇÃO TONICA EVIDENTE
MELHORADORA DA NUTRIÇÃO GERAL

SÓROS e VACINAS
INSTRUMENTOS CIRURGICOS — ANALISES

ESTABELECIMENTOS ÁLVARO CAMPOS
Sede: 103, L. Duas Igrejas—Lisboa
Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

A CONFERENCIA DE PARIS em riscos de malograr-se

A Inglaterra e a França não conseguem chegar a acordo

A questão das reparações, ainda não é desta feita que se decide. Pelo menos, é o que se torna licito supôr em face do que se está passando na Conferencia de Paris, convocada de proposito, como se sabe, para se chegar a um entendimento definitivo.

Até agora, do que nos dizem as informações telegraficas, não só não foi possivel ainda, chegar a qualquer acordo, mas até já se prevê o malôgro irremediavel da Conferencia. A França não aceita as propostas da Inglaterra; e a Inglaterra mantem-se na mesma intransigencia para com a sua aliada de durante a guerra. E então, chega-se ao estado de coisas que melhor se avalia pelos comentarios dos jornais franceses.

Segundo a Havas, esses comentarios reflectem a profunda decepção que causou a exposição da tese britanica, a qual, na sua maior parte, constitui uma violação do tratado de Versailles e revela a existencia de um abismo dificil de transpôr. Os jornais salientam, com efeito, a oposição que existe entre o ponto de vista inglês e o ponto de vista francês, que não pode ser mais conciliador e são unanimes em supôr que a França, assim como a Belgica e a Italia não podem adoptar o plano britanico como base de discussão

* * *

A tese britanica, escreve o *Matin*, representa na realidade um recuo sensivel, sobretudo o que os ministros britanicos sugeriam dantes. Alguns orgãos lamentam ter de constatar que a Inglaterra foi além de tudo o que a Alemanha teria ousado pedir. O *Figaro* escreve que o plano britanico é construido sôbre nuvens, quando é facto que a França é obrigada a encarar as realidades imediatas. O *Gaulois* declara que a França já não pode viver na incerteza da qual querem libertar a Alemanha.

Depois de ter precisado que na conferencia particular de ontem pela manha, o sr. Bonar Law pediu ao sr. Poincaré não a sua neutralidade, mas o apoio eficaz e constante da França nas negociações da conferencia de Lausanne, o «Matin» acrescenta que é preciso haver igualdade no respeito a que têm direito os interesses de cada potencia e que é preciso que haja identidade nas instruções dadas aos representantes britanicos na Alemanha e aos delegados franceses em Lausanne e que seria inconcebivel que a «Entente Cordiale», praticada pela França para com o turco, que não nos quere mal algum, fôsse tambem praticado para com o russo que procura converter a reconciliação em vaga cortezia de maneira a ocultar a sua hostilidade rial, quando se trata da Alemanha, a quem seremos forçados a dar lições por nossa conta e risco.

Por sua vez, os jornais ingleses referem-se pouco mais ou menos nos mesmos termos á atitude da França, acusando-a de intransigente, e classificando de impossivel o seu ponto de vista.

De maneira que, como se está vendo, mais uma vez vai provar-se que a sorte da Alemanha no caso das reparações, está na porfia a que os vencedores se dão para resolver o problema. Quanto mais procuram entender-se, mais as divergencias se afirmam; e emquanto as conferencias duram, vai folgando, naturalmente, o governo de Berlim.

AEG NITRA

DEPOSITO DA COVILHÃ

Venda de fazendas a retalho para fatos, sobretudos e abafos de senhora.
Comprando neste deposito, compra directamente á fabrica.
Acabam de chegar novos sortimentos
Rocio, 93, 2.º andar
(Esquina da rua do Amparo)

DR. ARBUÉS MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
47, RUA DO CARMO, 74

O FASCISMO E O TURISMO

A SITUAÇÃO NA ITALIA NORMALISA-SE

Aos estrangeiros são dispensadas as formalidades diplomaticas

ROMA, 3

Os estrangeiros que se encontram nesta cidade devido aos receios dos tumultos provocados pelos fascistas nas provincias não sairam desta cidade. No entanto aqueles que ousaram fazê-lo, dizem que passaram umas ferias interessantissimas gozando de mais confortos do que em qualquer tempo depois da guerra. Os viajantes que vieram do estrangeiro foram dispensados de quaisquer formalidades diplomaticas ou consulares para sair ou entrar na Italia. Isto marca um grande avanço no caminho para a normalidade e para o estado de coisas anteriores á guerra. Têm sido construidos novos hoteis em muitas localidades e estão-se fazendo louvaveis esforços para facilitar aos estrangeiros o acesso a comunas pequenas de especial pitoresco ou de interesse para o turismo.—(A. R.)

Tumultos em Italia entre fascistas e comunistas

ROMA, 4

Os fascistas têm continuado a exercer represalias contra os comunistas. Em Modena os fascistas invadiram o hotel em que o sr. Amboni estava jantando, obrigando o conhecido comunista a beber uma certa quantidade de oleo de ricino. Em Cremona houve brigas e tiroteio entre fascistas e comunistas, tendo tambem havido tumultos graves em Atregoia. —(R.)

Cinema Condes

O programa de hoje

O Condes teve hoje a sua costumada «matinée» da moda, sempre frequentada pelo mais selecto da nossa sociedade elegante. No espectaculo da noite o programa magnifico é assim constituido: «Um rapaz endiabrado» em 2 partes; «As esmeraldas funestas» 5 partes; «Patifa de Primavera», explendida comedia de Harold; «Jornal do Condes 1.47», «Matias Sandorf», o admiravel romance de viagens e aventuras, de Julio Verne, 3.º e 4.º episodios; «O navio misterioso» e «Suprema confissão».

Um belo programa de concerto fará as delicias dos amadores de boa musica.

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

6 HORAS DA TARDE **ULTIMAS NOTICIAS** 6 HORAS DA TARDE

O JULGAMENTO DOS OFICIAIS OUTUBRISTAS

HOUVE FRAQUEZAS

DA PARTE DOS DIRIGENTES DO MOVIMENTO?

Os homens da "camionette" na redacção da "Imprensa da Manhã"

Na decima audiencia depõem os srs. Araujo Manaças, Paulo Freire e Agatão Lança

Decima audiencia.

O presidente, general sr. Camacho, declara-a aberta ao meio dia e meia hora. O secretario do tribunal comunica terem chegado já as copias das ordens telefonicas dadas pela G. N. R. no dia 19 de outubro.

* * *

Continua a depôr o sr Araujo Manaças.

O dr. Amancio de Alpoim:

— Sr. Manaças, vai continuar o seu depoimento sobre a celebre lista que ficou de trazer ao jornal *Republica*, para provar que o sr. capitão Loureiro mentia.

A testemunha começa a lêr uma carta publicada no *Republica* em que se refere aos assassinatos de Raul Esteves, Tota, Antonio Maria da Silva e outros...

— Ora aí tem o sr. Manaças...

— Mas espere sr. doutor. Estou a fazer uma grande trapalhada...

— Esteja á sua vontade, sr. Manaças... A testemunha continua a lêr cartas publicadas no jornal. E, por fim, pregunta se ele mentia quando depunha na ultima audiencia.

— Com relação ao depoimento da coluna, pode servir talvez de defesa...

— Isso é uma censura que eu não posso admitir. A minha missão não é acusar é apresentar factos.

— O sr. Manaças, zanga-se e irrita-se comigo por qualquer coisa...

— Se lhe parece, sr. doutor...

— O sr. Manaças vai ser acareado com o meu constituinte.

O juiz auditor:

— Sr. capitão Loureiro; quais os pontos em que a testemunha está em divergencia com os seus?

— Em todos.

— Então explique:

—O sr. Manaças é que instou comigo para eu ir para a G. N. R., a fim de constituirmos uma sociedade comercial.

Em seguida, explica as disposições que tomou para guardar a casa do sr. presidente da Republica.

—E' falso que eu lhe tivesse falado em qualquer lista de atentados.

* * *

A juiz auditor:

—O sr. Manaças ouviu as declarações do sr. capitão Loureiro?

—E' a confirmação das minhas afirmações embora por outras palavras.

O dr. Amancio de Alpoim:

—Ha discordancias ainda..

O juiz auditor interroga o coronel Coelho:

—Quando mandou V. E.x.ª forças para guardar a casa do sr. presidente da Republica?

— Assim que tive conhecimento de que ela havia sido desguarnecida.

—Sabe a hora?

—Já disse a V. Ex.ª que me não posso recordar.

Depõe o jornalista sr. Paulo Freire.

O promotor:

—O que sabe V. Ex.ª?

—Mantenho os meus depoimentos feitos nos autos.

—V. Ex.ª diz ter conhecimento de boatos antes de 19 de outubro?

—Antes do 19 de outubro já se falava na eclosão do movimento revolucionario que traria como consequencia a liquidação de varios politicos.

—Esses boatos eram muito intensos?

—Suponho que toda a gente o sabia em Portugal!

—Conhece o caso de Martins Vagueiro?

—Eu recordo esse facto. Esse senhor, um dia, procurou-me para me prevenir de que não entrasse num certo café, porque me queriam liquidar.

—Uma das pessoas citadas nesses boatos era o dr. Granjo?

—Não, senhor.

—Mas no seu depoimento ha qualquer coisa sobre o caso...

—Eu estive na vespera com o sr. dr. Antonio Granjo, por um dos seus secretarios me ter dito que ele me queria oferecer um dos seus livros, «A grande aventura». Nessa ocasião dei-lhe conhecimento do movimento que estava prestes a rebentar, respondendo-me ele com uma «blague»: «Esse movimento resolve-se á tapona.»

Sabe que os homens que praticaram os assassinios estiveram, na noite dos crimes, a conversar amigavelmente com o chefe da redacção da «Imprensa da Manhã», que até lhes estendeu a mão.

—Apraz-me registar que outro tanto não sucedeu com os meus camaradas que assistiram a essa scena, os quais procuraram, por todas as formas, dissuadi-los das suas intenções, recusando-se a estender-lhes a mão á saida.

O sr. dr. Nordeste:

—V. ex.ª é testemunha de acusação do major sr. Marreiros?

—Sei-o agora. Uma vez falei com o sr. major Marreiros e preguntei-lhe o que havia de movimentos, ao que ele me respondeu: «Não ha nada.»

O dr. Cunha e Costa:

—Do capitão sr. Sousa Guerra nada sabe?

—Absolutamente nada.

—V. ex.ª assistiu, como jornalista, ao 14 de maio?

—Foram três dias de terror em que não havia governo.

—Os marinheiros da «camionete fantasma» foram á «Imprensa da Manhã», para que ela lhe publicasse os seus nomes, a fim do país os conhecer?

—Sim, senhor.

—Tem acompanhado este julgamento?

—Tenho.

—Acha estes homens capazes de mandarem matar alguem?

—Eu acho que são incapazes disso; mas tambem vejo que tiveram fraquezas.

O dr. Amancio de Alpoim:

—O que entende v. ex.ª pela palavra «fraqueza?»

—A palavra diz tudo.

—Disse v. ex.ª que toda a gente conhecia os boatos de liquidação?

—Sim senhor.

—Mas o sr. Granjo não o sabia?

—O presidente do ministerio é sempre o que sabe menos... (Risos).

— E' para admirar, visto ter a sua policia de informação. De resto, os srs. jornalistas são sempre os que sabem mais...

— E' o que toda a gente pode saber, porque o publicam nos jornais.

— V. ex.ª pode citar-me um facto das outras revoluções.

— Lembro-me de que no 14 de Maio, um policia matou um chefe e de muitos outras mortes que se deram.

— V ex.ª conhece algum facto que prove a fraquesa destes homens?

— Eu falo pelo relato dos jornais. Se esses homens se tivessem imposto, pela sua farda e pela nobresa dos seus galões, essas mortes talvez se não dessem.

— Eu acho grave a apreciação que v. ex.ª acaba de fazer, como jornalista.

— Eu depuz sobre factos. Mas faltaria á minha consciencia se dissesse aquilo que não estava dentro dela.

— Isso, cá está o tribunal para o apreciar.

O promotor:

— Tinha conheçimento dos nomes que se apontavam como implicados no movimento?

— Creio que todos os oficiais que aqui estão...

— V. ex.ª que tem falado em tantas palavras estrangeiras, pode dizer-me o que entende pela palavra «comité»?

— Um grupo de pessoas que se reune para um determinado movimento, dando todas as ordens para o mesmo.

Fala o sr. Agatão Lança

O promotor:

—V. ex.ª vai dizer-nos o que sabe sobre os acontecimentos.

— Na manhã de 19 de Outubro tive conhecimento do movimento. Como sou republicano quiz saber do que se passava, e, para esse facto, procurei alguns amigos meus, que não encontrei. Depois telefonei para casa do sr. Presidente; o sr. Jaime Athias convidou-me a ir lá. Fui imediatamente. Disseram-me que estava uma revolução na rua e que alguns oficiais revolucionarios já lá tinham ido pedir ao sr. Presidente da Republica para assinar alguns documentos, o que ele não quiz fazer.

Disseram-me mais que não sabiam do governo e que o sr. Presidente da Republica estava disposto a renunciar. Depois telefonei para casa do sr. Cunha Leal, a saber do que se passava. Ele disse-me que estava uma revolução na rua, que alguns marinheiros pretendiam assaltar sua casa e que, se pudesse, fosse lá. Observei-lhe que iria, mas eu pouca influencia podia ter junto dos revolucionarios, porque não tomava parte no movimento. O sr. Cunha Leal aconselhou-me a escrever uma carta aos seus amigos Afonso de Macedo e Nobre da Veiga, o que fiz. Na rua de Santa Justa, encontrei um marinheiro de arma ao ombro. Preguntei-lhe se me conhecia. Disse-me que sim. Entreguei-lhe a carta em questão e pedi-lhe que a levasse á Rotuuda. Esse marinheiro era o artilheiro n.º 2318.

Em seguida meti-me num side-car e dirigi-me a casa do sr. Cunha Leal, onde, depois duma certa hesitação, me abriram a porta. Apareceu-me sua esposa que me disse que seu marido tinha saído com o dr. Granjo. Fiquei admirado, por saber que eles se encontravam de relações cortadas.

Inquirindo do que se passára, a esposa do sr. Cunha Leal contou-me que aparecera um aspirante de marinha, dando a sua palavra de honra de que o dr. Granjo ia apenas passar dois dias a bordo. Disse a essa senhora que se o seu marido estava entregue a um oficial de marinha podiam estar descançados.

Em seguida telefonei para o quartel da guarda republicana e pedi ao sr. Jacinto Simões pelos mais altos interesses da Patria, que me mandasse um automovel. Nesta altura cruzaram-se as linhas; da estação telegrafica alguem pedia ao sr. Cunha Leal que fosse em auxilio de Antonio Granjo, porque lhe queriam cortar a cabeça. Comuniquei ao sr. Pinto de Lima esse facto; disse-me que estavam tomadas providencias. Pouco depois, Pinto de Lima dizia-me que não podia arranjar o automovel mas que ia á Rotunda falar á junta revolucionaria.

Nisto, uma senhora veiu dizer-me que havia parado um automovel á porta; era o que eu pedira ao sr. Jacinto Simões. Quando o carro principiava a marcha, chegou outro com Carvalho Santos e outro oficial. Dirigimo-nos ao Arsenal, onde estava um oficial que me impedia a entrada. Observei-lhe que era oficial de marinha; resisti e entrei.

Nesta altura, apareceu um aspirante de marinha que me não consentiu a entrada. Tornei a dizer que era oficial de patente superior á sua e que se ele me impedisse a entrada, o esbofeteava. Nisto, voltando-me para os marinheiros, disse-lhes: — «Eu sou o Agatão Lança!» Estes rodearam-me e ofereceram-me os seus serviços.

Dirigi-me ao tunel do Arsenal e dei de cara com Cunha Leal, que, ferido, me disse onde estava o Granjo. Fiz uma alocução aos marinheiros, dizendo-lhes que se eles na minha frente desfeiteassem algum vencido, eu nunca mais envergaria a minha farda de marinha e nunca mais queria saber da Republica. Os marinheiros acercaram-se de mim e disseram-me que não eram solidarios com os «malandros»; que aquilo tinha sido um equivoco e que estavam prontos a obedecer-me.

No tunel do Arsenal

«O tunel do Arsenal estava cheio de gente, os marinheiros gritavam que se alguem lhes fizesse mal fuzilariam todos. Dirigimo-nos ao hospital, afim de ser curado o sr. Cunha Leal. Exprobei o que se havia feito. Um marinheiro que nos acompanhava, disse-me: — Se os oficiais se tivessem oposto nada disto sucedia. Isto é triste e lamentavel —.

«Depois, meti-me num automovel e dirigi-me para o Arsenal, onde o mesmo civil que me impedira a entrada da primeira vez me disse:

— Um salvou o senhor, para salvar o outro já vem tarde.

«Dirigi-me depois ao quarto do oficial de dia e disse-lhe:

— Eu sou o Agatão Lança. Desejo saber onde está o Granjo.

«O sr. Camara Leme, em voz sumida, disse-me:

— Os soldados da G. N. R., já o mataram.

«Gritei: «Miseraveis!» e voltei costas indo buscar Cunha Leal ao hospital

Descreve depois o que se passou com o sr. Cunha Leal, ao ter conhecimento do assassinio de Granjo.

—Por fim dirigi-me a casa do sr. presidente da Republica, a quem comuniquei o facto. O sr. presidente da Republica, saltando da sua cama, encarregou-me de procurar o sr. coronel Maria Coelho e de lhe dizer que se ele tinha fôrça para dominar o movimento, tomasse conta do governo.

A audiencia continúa.

Ainda as subvenções

O funcionalismo volta a reunir no proximo domingo

O funcionalismo publico volta a reunir no proximo domingo, num dos teatros de Lisboa, a fim de ser aprovada a redacção definitiva duma representação a ser entregue ao Parlamento, logo que este reabra. Nessa representação, pedir-se-ha a aplicação do coeficiente 12, de julho a dezembro do ano findo, em harmonia com a lei, e que a partir do mês se faça a fixação do coeficiente, tambem como a lei indica, em harmonia com o actual custo da vida. Pedir-se-ha ainda a actualização da gratificação dos chefes de secção e o aumento de vencimentos dos chefes de repartição, visto estes perceberem apenas mais 19$ mensais, do que os primeiros oficiais da contabilidade publica.

Malas postais

Pelo *San Miguel* são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira, Açôres e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

PRODUCTOS DE BELEZA
E DE TOILETTE
Especialidade da
PERFUMARIA DA MODA
Telefone C. 1715
5, RUA DO CARMO, 7 --- LISBOA